

**UM OLHAR SOBRE AS MULHERES AMADAS E AS MARGINALIZADAS,  
NA POÉTICA DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA**

Patrícia de Paula Aniceto

**RESUMO**

Neste artigo, buscaremos apresentar as duas faces da mulher sob a ótica do poeta Affonso Romano de Sant'Anna. De um lado, a mulher que sofre a rejeição da sociedade. Do outro lado, a mulher misteriosa, cúmplice e amiga do eu-poético.

**ABSTRACT**

In this article, we show the two faces of woman as seen in the poetic conception of Affonso Romano de Sant'Anna. On one side, the woman who suffers rejection in society. On the other, the mysterious woman, accomplice and friend to the poetic self.

Palavra chave: mulher - olhar – marginalização

**UM OLHAR SOBRE AS MULHERES AMADAS E AS MARGINALIZADAS,  
NA POÉTICA DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA**

A presença feminina percebida pelo olhar e pela voz do poeta Affonso Romano de Sant'Anna é recorrente em sua poética. Neste ensaio, analisaremos esta temática nos poemas “Que país é este?”, “Mulher” e “Poemas para a amiga”, deste autor.

Em “Mulher”, apesar de haver o traço feminino, no próprio título, ele apresenta-se longe de ser um poema intimista e amoroso como a poesia Romântica. Felipe Fortuna, no ensaio “A construção política (sobre a poesia de Affonso Romano de Sant'Anna)”, observa que:

Se a poesia romântica era declamada nas praças públicas, nos salões e nos teatros, e investia na grande eclosão da imprensa escrita, a poesia de Affonso espalha-se hoje pelos jornais e muitas vezes pela televisão - quase sempre escrita no calor da hora. E, como toda poesia de cunho político, a sua tem uma intenção (acesso em 19/04/2007).

Em “Que país é este?”, o eu-poético sendo engajado, assume a responsabilidade com o social e concomitantemente com o literário. Aqui, a análise que faz da sociedade brasileira é impiedosa quando diz: “Mulher também não é só capa de revista, / bundas e peitos fingindo que é coisa nossa” (SANT'ANNA, 2004, p. 242).

Além disso, ao apresentar quem é o povo brasileiro, o eu-poético considera as classes marginalizadas e inclusive a mulher: “Povo / são as bichas, putas e artistas / e não só os escoteiros / e heróis de falsas lutas, / são as costureiras e dondocas / e os carcereiros / e os que estão nos eitos e docas” (Ibid.).

Sobre esta postura crítica e conseqüentemente sobre este engajamento social na literatura, Benoît Denis declara que:

A literatura engajada está assim condenada a uma obsolescência rápida: a atualidade, o tempo que passa e o mundo que muda limitam de alguma forma a esperança de vida dessa literatura, que escolheu ligar-se estreitamente à temporalidade do mundo dos homens (2002, p. 41).

Como vemos, neste ensaio, sobressai o olhar engajado do eu-poético que busca focalizar e ao mesmo tempo denunciar o momento que vive. Desta forma, vai demonstrando a postura de um eu consciente do contexto histórico e do papel da mulher na sociedade, através do espaço em que habita.

Curiosamente, o eu-poético traça um perfil crítico de percepção da mulher, por meio do seu olhar. A partir daí, a análise que podemos fazer da sua visão é de desconstrução. Pois, segundo Affonso Romano de Sant'Anna, "é preciso depois de ver, 'desver' para que o real se realize" (2006, p. 12). A partir desta forma de refletir sobre a figura feminina, o eu-poético tece suas críticas sobre a sociedade brasileira explicitamente em seus versos. Na verdade, o que ele faz é mostrar o avesso da situação que vemos e que vivemos em nosso país. É como se fosse capaz de descortinar as falsas ilusões, ou seja, a "cegueira social" ao lado da omissão do povo brasileiro: "Estão matando nossas filhas e mulheres/ e acompanhamos pasmos o enterro das vizinhas" (SANT'ANNA, 2004, p. 304). O poeta inclina-se para o tempo presente e mostra-se empenhado em denunciar o que seus olhos vêem. Assim como morrem as mulheres que estão próximas ao eu-poético, morrem também as que estão lá nos subúrbios:

Sem contar as que abortam nos subúrbios  
e se enterram em ensangüentados panos menstruais,  
e as que expulsamos dos porões de nossa honra,  
e vão apodrecer varizes no pantanoso orgasmo dos manguês (Ibid., p. 305).

A percepção dos olhos faz com que o eu-poético se desloque no espaço e capte diferentes mulheres em lugares distintos, e sempre marginalizadas. Além disso, retoma outros espaços e universaliza esta questão da mulher:

Em Nova Iorque estupramos 45 por hora  
num sufoco de abatidas gazelas.  
Nos subúrbios de São Paulo e nas favelas do Rio  
já não há contas,  
mas se pode ouvir no amanhecer  
a enorme grita das reses  
pelo alarido dos jornais (Ibid., p. 305).

Apesar de revelar a postura dos homens em relação às mulheres, o poeta empresta sua voz e se inclui dentre aqueles que praticam crimes contra as mulheres de diferentes lugares. Sobre este posicionamento social do eu, Portella declara que: "No país subdesenvolvido o intelectual (o autêntico, não alienado) é um ser coletivo. Por um normal processo de inserção autônoma é ele menos individualista. Precisamente porque está sempre mais pressionado pelo contexto" (1975, p. 71).

Longe de ser um alienado, o eu-poético demonstra interesse por aqueles que habitam a condição periférica na sociedade brasileira e que são vítimas desse espaço opressor.

O aspecto social e histórico é enfatizado, nos poemas, através de outras vítimas da violência que são as índias: “Estão matando nossas filhas, mães e irmãs/como sempre derrubamos negras nos celeiros/e índias na floresta” (SANT’ANNA, 2004, p. 305). Segundo Gilberto Freyre, “sob o ponto de vista da organização agrária em que se estabilizou a colonização portuguesa do Brasil, maior foi a utilidade social e econômica da mulher que a do homem indígena” (1996, p. 115). Além disso, quando os índios entram em contato com os brancos eles passam a desaparecer. Segundo Freyre:

O trabalho sedentário e contínuo, as doenças adquiridas ao contato dos brancos, ou pela adoção, forçada ou espontânea, dos seus costumes a síflis, a bexiga, a disenteria, os catarros foram dando cabo dos índios: do seu sangue, da sua vitalidade, da sua energia (Ibid., p.155-156).

A frequência com que o poeta visita os espaços e os fatos da história está ligada ao desejo de denúncia contra os maus tratos sofridos pelas mulheres na sociedade. Neste sentido, percebemos a busca que ele faz pelo tempo e pela história social.

Para o eu-poético, a mulher não é, portanto, um tema apenas da sociedade e da literatura brasileira, mas da história e da literatura universal, pois como podemos perceber, o eu-poético é capaz de captar a violência contra ela, em diferentes contextos. É esperável, portanto, que o autor dessas violências sejam os homens. Não se estranhe, portanto, que o eu-poético denuncie essas figuras e mostre a diferença entre os dois sexos:

Nos tempos de meu avô  
 havia assunto de homem  
 e cochicho de mulher.  
 E como homem não chorava  
 mulher também não gozava.  
 E como homem não brochava  
 a mulher não reclamava.  
 Homem sério não falava,  
 mulher séria não trepava (SANT’ANNA, 2004, p. 308).

Na descrição do tempo passado, o poeta não abandona as questões sociais, mas sim alia-se ao tempo histórico e conservador de seu avô. Vemos, então, que o eu-poético retoma o tempo passado e faz uma comparação entre o homem e a mulher. Embora o eu-poético esteja retomando outra época, é oportuno lembrar que a mulher, no tempo e no espaço, sempre se mostrou na retaguarda. Porém, nos tempos conservadores até mesmo os homens mantiveram-se incorporados por estereótipos sociais. Assim, vemos que esta comparação é, geralmente, embasada por uma questão temporal e cultural. A mulher, por estar inserida numa sociedade patriarcal, sofre a repressão através do silêncio e da omissão dos sentimentos.

Ainda no poema “Mulher”, percebemos que o espaço feminino podia ser vislumbrado entre a casa e a igreja como revela o eu-poético, no fragmento abaixo:

Engolia a raiva à mesa  
 e a vomitava na igreja.  
 Nunca saía sozinha,  
 seu lugar era a cozinha.  
 E quando nua na cama  
 tinha inveja da mucama.  
 O homem trazia a sede

e a mulher servia o pote.  
 Ou então: – a mulher trazia o dote  
 e o homem lhe dava o bote (Ibid., p. 308-309).

Na maioria das vezes, os costumes sociais faziam com que a mulher saísse sempre acompanhada de uma mucama como forma de prevenção do adultério. O desconhecimento da liberdade fazia com que as mulheres brancas aceitassem esta condição dos maridos.

Algumas práticas sociais, como o dote, eram muito comuns. Do mesmo modo que se trocavam animais, imóveis e outros bens, as mulheres eram entregues aos maridos, acompanhadas dos dotes que, com o casamento legitimado, eles controlavam. Sobre esta questão da mulher na sociedade conservadora, Affonso Romano de Sant'Anna declara:

Na sociedade conservadora, a mulher branca tem ainda um elemento de barganha social, que é o dote, símbolo arcaico de quando as tribos trocavam as mulheres entre si. Aliás, essa troca primitiva já mostrava que o corpo da mulher era uma moeda no sistema de permutas (1993, p. 45).

No tempo da escravidão, a mulher cativa além de ter limitados a vida e o espaço de sociabilidade, também sofria agressões sexuais como expressa o eu-poético: “[...] como sempre derrubamos negras nos celeiros” (SANT’ANNA, 2004, p. 305). Segundo o poeta e crítico Affonso Romano de Sant’Anna, “também no caso da mulher de cor, na nossa sociedade escravocrata, seu dote é seu próprio corpo. Seu corpo é a sua moeda de ascensão social, mesmo porque não lhe foi deixado nada a não ser isso” (1993, p. 45). Vale a pena considerar as denúncias do eu-poético. Evidentemente, a violência não contribuiu para que houvesse casamentos oficializados entre brancos e negros. E em grande parte, a mulher negra, assim como as índias contraíam doenças que eram transmitidas pelos homens brancos. Estudando esta relação entre o homem branco e a mulher negra, Affonso Romano de Sant’Anna observa:

O desempenho erótico, que deveria estar sempre do lado da vida, da liberação e da saúde natural dos indivíduos, não apenas se converte de Eros em Tanatos; ganha também algumas nuances nessa passagem de um pólo ao outro, e a ação sexual do escravocrata assume sua função doentia, seu caráter verdadeiramente patológico, não apenas psicanalítica, mas econômica e sexualmente. Algo mais ocorre nesse universo falocrático: o sexo, que deveria transmitir vida, transmite morte. Morte e doença, como nos conta a história (Ibid., p. 52).

Ao apresentar o espaço da mulher, o eu-poético a distancia de si e a coloca no espaço de lá: “Lá está ela: como nos tempos do avô/numa tríade exemplar:/a mãe preta no eito,/a mulata no leito,/a mãe branca no lar”(SANT’ANNA, 2004, p. 309). Aqui, como podemos perceber, há uma representação da mulher branca como a “rainha do lar”.

No poema “Mulher”, a personagem feminina está interligada ao espaço da casa e da rua. Para o eu-poético, essas mulheres habitam o espaço de lá, onde prevalece a imagem da violência e da submissão.

Freqüentemente, o poeta visita o tempo passado de onde retira os fatos culturais que contribuem para as agressões e o silêncio da mulher, em nossa história social. Sobre a questão do casamento, Affonso Romano de Sant'Anna declara que:

O casamento, contudo, apenas organiza entre os senhores sua violência erótica. Violência dentro da mesma classe social entre homens e mulheres, violência que sobrepõe impunemente o senhor à sua “escrava branca”. De certo modo, o casamento é a parte legislada das violências eróticas. Ela passa a legitimar, juridicamente, o processo de dominação macho-fêmea, enquanto outra área permanece desguarnecida, escapando à ação policial, judiciária e eclesiástica, e que diz respeito aos escravos, vassalos e subalternos vários. Desse modo, a senzala, como espaço associado ao espaço da casa-grande, significa também o espaço segregado para o exercício ímpune e violento do sexo. A senzala e o corpo escravo, enfim, vão ser a válvula de escape das tensões acumuladas na casa-grande (1993, p. 54).

Neste poema, todo o esforço da memória do eu-poético é feito para denunciar o tempo e o espaço feminino. Ele ilustra perfeitamente o estágio de conflito que existiu e ainda existe entre o homem e a mulher. No entanto, a diferença entre ambos se divisa no fato em que : a mulher sempre foi vista pelo viés da diferença.

Mas se em “Que país é este?” e “Mulher” o eu-poético denuncia a história das mulheres, em “Poemas para a amiga” rende-se à figura da mulher. O termo “amante-amiga” empregado pelo eu-poético, neste poema, confere à mulher o respeito e a admiração pela pessoa amada, eliminando as diferenças repressoras que havia entre os dois sexos, nos poemas anteriormente estudados. Assim, o poema em vez de reforçar a diferença entre os seres feminino e masculino, nivela-os e os torna cúmplices dos sentimentos. Neste poema, prevalece o mistério, o enigma e o amor: “Eu muito te agradeço, amante-amiga,/este teu corpo que com fúria eu possuía,/ corpo que eu mais amava/quanto mais o via,/pequeno e manso enigma/que eu decifrei como podia”(SANT'ANNA, 2004, p. 35-36). E ainda:

Já não há como  
defender-se desse amor indefensável  
ou como recusar-nos  
esse amor irrecusável  
que não traz outra opção,  
que se afirma no teu corpo para ter-me  
e necessita do meu corpo  
para amar-te (Ibid., p. 31).

Aqui, o relacionamento que há entre o eu-poético e a mulher amada é de cumplicidade e de amor. Este poema dissipa a relação de força e de poder do homem que predomina nos poemas anteriores.

No entanto, pode-se também perceber uma aproximação maior entre o homem e a mulher. Desse modo, o poeta abre no poema um espaço de amor para ela. Quer dizer: o amor vai além do desejo: “às vezes em que mais te amei/tu o não soubeste/e nunca o saberias” (Ibid., p. 34).

Mas, se há no poema “Mulher” o desejo violento, em “Poemas para amiga”, há um tempo para o amor, para o desejo e para a mulher:

Por isto é que eu te sinto  
com tanta intimidade

e te possuo com tanta singeleza  
 desde quando recém-vinda  
 ostentavas nos teus olhos grande espanto  
 de quem não compreendia  
 a antiguidade desse amor que em mim fluía (Ibid., p. 30).

O respeito aparece como o mais expressivo e singelo sentimento que predomina entre o eu-poético e a mulher.

No entanto, não deixa de ser paradoxal o fato de a mulher abandonar o eu-poético: “Estás partindo de mim/e eu pressinto que me partes,/e partindo, em ti me vais levando,/ como eu que fico/e em mim vou te criando” (Ibid., p. 33).

Na sociedade conservadora era incomum a mulher abandonar a casa e a família, na busca de libertar-se das amarras do cônjuge. Porém, neste espaço do poema, a amante-amiga abandona o eu-poético: “Contemplo agora/o leito que vazio/se contempla. /Contemplo agora o leito que vazio/em mim se estende [...]” (Ibid., p. 35).

Há um enigma nesse abandono da mulher, mas há também uma superação dos antigos valores sociais nessa separação.

Numa análise sociológica, utilizamos dos espaços dos poemas para transcrever a história das mulheres. Constatamos que, por um lado, o olhar agudo do poeta revela a história de silêncio das mulheres e de suas conseqüências para o presente, bem como denuncia os maus tratos a que eram submetidas. Por outro lado, em “Poemas para a amiga”, o eu-poético lança seu olhar para a mulher amada. Ela está ao lado do eu e habita o espaço de suas relações.

O poeta Affonso Romano de Sant’Anna está aliado às imagens do tempo. Um tempo que é marcado pela história de mulheres comuns e de uma mulher especial que marcou seus sentimentos. Assim, os poemas revelam o momento em que o poeta sente, resente, vive e revive o passado das mulheres na sociedade.

Entre o espaço de cá e o espaço de lá, as mulheres estão presentes na vida do eu-poético. O lá, representado pelo espaço das agressões é denunciado por ele que revive a história da mulher desde o descobrimento do país.

Assim, compreendemos que este é o momento de o eu-poético olhar para o tempo e conscientizar-se dos absurdos que se construíram no tempo e no espaço.

Mas, se antes, no poema “Mulher”, havia o poeta preocupado com o tempo, no espaço exterior, em “Poemas para a amiga” o poeta se vê comprometido no espaço interior de suas emoções.

Embora a mulher esteja presente, nos dois poemas ocorrem variações no contexto em que estão inseridas e na recepção que é feita pelos homens. Destarte, no intertexto dos poemas podemos estabelecer uma antítese que os diferencia: vida e morte.

Se o eu-poético, no poema “Mulher” canta sofrimento e morte, no “Poemas para a amiga” a figura feminina alude ao amor e ao respeito, ainda que haja a ausência da mulher amada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento:** de Pascal a Sartre. São Paulo: EDUSC, 2002.

FORTUNA, Felipe. A construção política (sobre a poesia de Affonso Romano de Sant'Anna). In: [www.felipefortuna.com](http://www.felipefortuna.com)

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1996.

PORTELLA, Eduardo. **Literatura e realidade nacional.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso:** o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. **Poesia reunida:** 1965-1999. Porto Alegre: L&PM, 2004.

\_\_\_\_\_. SANT'ANNA, Affonso Romano de. **A cegueira e o saber.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Patrícia de Paula Aniceto nasceu em Santos Dumont, MG. É mestra em Literatura Brasileira, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Publicou o artigo periódico O aprendizado da leitura, por meio eletrônico. Apresentou as conferências: “O aprendizado da leitura”, “Mulheres amadas e rejeitas”, “Pedro Nava: um olhar sobre o passado mineiro” e “Os pobres cegos brasileiros”. Publicou o seguinte capítulo: Carlos Drummond de Andrade: um olhar crepuscular sobre o tempo. In: **Carlos Drummond de Andrade:** um poeta e seus enigmas. Org. Thereza da Conceição Aparecida Domingues. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005, p. 75-83. Foi premiada pela classificação em alguns concursos literários, tendo seus textos publicados em coletâneas.

E-mail: [patricianiceto@yahoo.com.br](mailto:patricianiceto@yahoo.com.br)